REPORTAGEM: Um dia com os moradores do Jardim Pantanal

ENCHENTES: GOVERNANTES SÃO OS CULPADOS

PSTU

Opinião Socialista

Ano XIV - Edição 398 - Colaboração: R$ 2 - De 11/02 a 24/02/2010 - www.pstu.org.br

CRESCE A CAMPANHA

SOLIDARIEDADE OPERÁRIA AO HAITI

CONLUTAS ENVIA PRIMEIRA DOAÇÃO AO HAITI

LEIA DECLARAÇÃO DO GRUPO BATALHA OPERÁRIA, DO HAITI

EM ASSEMBLEIA, TRABALHADORES DA GM APROVAM DOAÇÃO AO HAITI

Editorial e páginas de 8 a 11

■ **TAPAS** – Trabalhadores da LG, em Taubaté (SP), fizeram uma greve contra assédio moral. Um executivo chegou a dar um tapa em uma funcionária. Os trabalhadores falam de insultos e palavrões.

PÁGINA DOIS

■ **NEO-RURALISTA** – O deputado Aldo Rebelo (PCdoB) está sendo criticado por ambientalista por defender os interesses ruralistas. "Viva o neo-ruralista Aldo Rebelo", disse o Greenpeace em seu blog.

CRIMINOSO OLÍMPICO

O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral (PMDB), anunciou que o ex-primeiro-ministro britânico, Tony Blair, fará consultoria para o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de 2016. Tony Blair, foi ex-primeiro-ministro do Reino Unido, e junto com Bush foi o responsável pelo início da guerra do Iraque. Na época, ambos os presidentes inventaram a farsa das "armas de destruição em massa" para invadir o país. Recentemente Blair declarou que "faria tudo outra vez" a uma comissão de inquérito sobre as suas responsabilidades na guerra do Iraque.

PÉROLA

"Não é compatível um indivíduo assim [homossexual] com o trabalho das Forças Armadas"

GENERAL RAYMUNDO NONATO DE CERQUEIRA FILHO, em depoimento no Senado revelando toda sua homofobia verde-oliva. (G1, 4/02)

SEM TAXAÇÃO

Os senadores da Comissão de Assuntos Econômicos enterraram no último dia 9 o projeto que institui o Imposto sobre Grandes Fortunas (IGF), terminando de vez com a possibilidade de criação do tributo. O IGF propunha uma tributação tímida, de 1% para fortunas acima de R$ 10 milhões – valor que seria ajustado anualmente conforme a inflação. Como desculpa para não aprovar o projeto, o senador Flexa Ribeiro (PSDB-PA) disse que era contra a criação do imposto por considerar a carga tributária brasileira "muito alta".

CHARGE / LATUFF

FORA ARRUDA

No último dia 7, manifestantes voltaram às ruas de Brasília para exigir a saída do governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda, ex-DEM. Os ativistas exigem a saída do vice-governador, Paulo Otávio, e de todos os deputados envolvidos em corrupção. O boletim distribuído pelo PSTU, afirma que "a maioria absoluta dos deputados está envolvida nos escândalos dos governos Arruda e Roriz". E questiona: "Como podem julgar eles mesmos os crimes que cometeram? O Judiciário tem contribuído de todas as formas para consagrar a impunidade. O Executivo é o réu e continua a governar como se nada tivesse acontecido".

RAP DO BORIS

Um vídeo postado no YouTube traz à tona novamente a polêmica envolvendo o apresentador Boris Casoy, após comentário preconceituoso sobre garis no último dia de 2009. De autoria do paulista Daniel Garnett, o clipe musical intitulado "Isto É uma Vergonha" — em alusão ao bordão do jornalista —, apresenta uma música que recorda, no início, a polêmica fala de Casoy: "Que merda... dois lixeiros desejando felicidades... do alto de suas vassouras... dois lixeiros... o mais baixo da escala de trabalho", diz a letra, reproduzindo o comentário do apresentador. Garnett, em seu rap responde: "Se desculpou pelo ódio de ter sido transmitido. O que vale é o pensamento por ti emitido. Independente disso, o que tu disse é o que tu pensa. Nego (sic) dispensa suas desculpas de aparência".

HOMENS DO PRESIDENTE

No dia 3 de fevereiro, a ONG Human Rights Watch (HRW) apresentou o documento "Herdeiros dos Paramilitares: A Nova Cara da Violência na Colômbia", que estuda a transformação dos antigos grupos paramilitares nas gangues criminosas que surgiram em várias regiões do país. Segundo o estudo, os paramilitares hoje "vivem do narcotráfico, controlam o território e cometem abusos contra a população civil". Vários ministros e políticos ligados ao presidente colombiano Uribe enfrentam dezenas de acusações relacionadas ao envolvimento com os "paras". Uribe, tem até o mês de abril para tentar outra reeleição e concorrer ao 3° mandato. O presidente tentará aprovar uma emenda constitucional que lhe possibilitaria um novo mandato. A eleição está marcada para 30 de maio.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Victor Pontes "Bud" **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3015-0010 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 80, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Edifício Aliança, R. Neno Felipe, 43, Sala 202, B. Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

AMPLIAR SOLIDARIEDADE AOS TRABALHADORES HAITIANOS

Operários da Hitachi aprovam doação de parte do salário para ajudar trabalhadores haitianos

A campanha de solidariedade dos trabalhadores brasileiros com o povo haitiano é um exemplo prático e emocionante de internacionalismo. Quando, por exemplo, os operários da GM votam dar 1% de seus salários para o povo haitiano, estão deixando na história uma referência importante. Nada semelhante ocorreu nas últimas décadas.

Além da ajuda concreta, se estabelece um vínculo político muito importante. Por um lado, o governo brasileiro manda tropas ocuparem o Haiti, e dá uma ajuda econômica muito pequena de 15 milhões de dólares (tomando em conta o peso econômico do país). De outro lado, operários tiram do bolso 1% de seus salários para a solidariedade concreta aos trabalhadores haitianos e para ajudá-los a lutar contra as tropas de ocupação.

A iniciativa da campanha da Conlutas já garantiu o envio de mais de R$ 100 mil para os trabalhadores haitianos. Agora, a campanha está chegando à base das categorias com peso. Comerciários de Nova Iguaçu, operários da construção civil de Belém, professores de São Paulo, universitários de todo o país. Em todos estes setores -e muitos mais- já estão em curso ações concretas para angariar fundos. É hora de multiplicar as iniciativas para ampliar a campanha.

Nessa campanha, estamos entregando as doações dos trabalhadores brasileiros diretamente a uma organização dos trabalhadores haitianos, o Batay Ouvriye (Batalha Operária). Não confiamos no governo Préval, na verdade um fantoche do imperialismo americano. Não confiamos no governo brasileiro, que esteve garantindo por quase seis anos a ocupação militar do país. Confiamos sim na luta dos trabalhadores haitianos.

Essas doações diretas dos trabalhadores brasileiros para os haitianos vão ficar na lembrança de cada um dos envolvidos por muitos anos. Não estamos falando apenas de uma proposta correta, mas de uma ação do movimento de massas que se dá por "fora da ordem" dominante. São fatos assim que compõem a história do movimento operário. E a Conlutas, em sua curta história, já tem um perfil internacionalista em questões tão urgentes e importantes como a haitiana. Foi da Conlutas a primeira delegação de trabalhadores a questionar diretamente a ocupação militar do país em 2007.

A existência de uma organização do movimento com o peso da Conlutas e independente do governo possibilita uma ação com este caráter. Por isso é tão importante a construção de uma nova central unificada, que vai resultar da fusão da Conlutas, Intersindical e outras correntes. Estes congressos se darão no mês de junho, o da Conlutas nos dias 3 e 4, e o Congresso da Classe Trabalhadora nos dias 5 e 6.

É hora de estender às bases a campanha de solidariedade aos trabalhadores haitianos. É hora de começar a construir na base o congresso sindical unitário.

CONTRIBUA:

Banco do Brasil
Campanha Haiti
Agência 4223-4
Conta 8844-7

KEILLANE FEITOSA

A VIDA EMBAIXO D'ÁGUA

A REPORTAGEM DO OPINIÃO SOCIALISTA percorreu as ruas do Jardim Pantanal, na Zona Leste de São Paulo, e ouviu os relatos de um povo que há dois meses resiste às intempéries da natureza e, principalmente, a crueldade dos governos

DIEGO CRUZ, da redação*

"A mão está suja, mas pode apertar que o coração é limpo", diz José Arnaldo Gonçalves, o "Maranhão", enquanto segura um rodo com a outra mão. A camiseta da seleção contrasta com as botas de borracha quase na altura dos joelhos.

"Maranhão" é sapateiro. No fundo de casa, mostra uma oficina improvisada onde, com mulher e filhos, confecciona sapatilhas, sandálias e tamancos. Exibe orgulhoso algumas peças produzidas. Sandálias femininas, com delicado acabamento. *"Sempre trabalhei com isso, minha vida toda, é o que sei fazer"*, conta.

Há três anos, ele resolveu deixar a fábrica onde trabalhava para produzir por conta própria, no fundo de casa. Há de dois meses, porém, as poucas máquinas de sua oficina estão paradas. Desde que as águas tomaram conta de sua casa, no Jardim Pantanal, seus dias se resumem a puxar a lama e o lodo para fora do quintal.

Os pequenos cômodos ainda exibem uma marca, na altura em que o nível da água chegou, a um metro do chão. No quarto, eletrodomésticos estão empilhados sobre o colchão. Na cozinha, a geladeira está em cima de tijolos. Está vazia e funciona como prateleira.

Com o material e máquinas danificadas, Maranhão e sua família estão sem renda e sobrevivem com doações. *"É humilhante isso para quem sempre trabalhou, eu não sou orgulhoso, mas nós sempre trabalhamos para conseguir nosso sustento"*, diz. É mais um drama entre tantos causados pelas enchentes que tomaram conta da região da várzea do rio Tietê.

DESOLAÇÃO

Há dois meses, no dia 8 de dezembro, uma forte chuva desabou sobre a capital paulista, e vários bairros ficaram completamente alagados. Além do Jardim Pantanal, o Jardim Romano, Vila Itaim e Chácara Três Meninas foram atingidos. Só no Jardim Pantanal há 17 vilas, reunindo entre 25 e 30 mil famílias. Em torno de 9 mil famílias devem ter sido atingidas diretamente pelas enchentes, segundo Ronaldo Delfim Souza, líder comunitário da região e integrante do movimento Terra Livre.

DIEGO CRUZ

"A mão está suja, mas pode apertar que o coração é limpo"

Arnaldo tirando a lama de seu quintal, sua rotina nos últimos dois meses

Dois meses depois, no entanto, muitos locais continuam alagados. No Jardim Pantanal, a água só abaixou na última semana, depois do dia 7 de fevereiro. Mesmo assim, enormes poças dominam as ruas de terra. Paradas, acumulam sujeira e lodo, transformando-se em verdadeiros criadouros de mosquitos e todo tipo de bichos. Até uma cobra foi recolhida em uma casa pelos moradores.

Caminhar pelas ruas é um exercício de equilíbrio para desviar do esgoto a céu aberto e a lama. Mesmo nos lugares onde não há esgoto, o cheiro é forte. Sem alternativa, todos, sobretudo crianças, literalmente, enfiam o pé na lama. Não causa surpresa, assim, os diversos casos de doenças relatados pelas famílias, principalmente de leptospirose, causado pela água contaminada. Por todo lado, é possível encontrar pessoas que reclamam de manchas na pele ou que tiveram febre ou viroses.

ENCHENTE

"Ali foi onde encontraram as duas meninas mortas", diz Arlete Pescarollo, esposa de "Maranhão", apontando com o braço cravejado por picadas de mosquito um local conhecido como "pesqueiro". As crianças morreram afogadas na enchente e foram achadas no dia 10 de janeiro, numa espécie de lago formado pela água que escoa do Tietê. Ao todo, 12 pessoas morreram no bairro.

Enquanto na maioria das casas os moradores se preocupam em retirar a lama e os móveis estragados, algumas ainda se encontram inundadas. Como a casa de Rosalvo José Santos, um sobrado cujo quintal e o térreo estão totalmente debaixo d'água. Ele e a família foram obrigados a abrir um buraco na casa do vizinho, abandonada, para poder sair de casa. Carregaram o que puderam para o andar de cima, onde oito pessoas sobrevivem, desde então, apinhadas em três cômodos pequenos.

Quando a enchente começa, o tempo para salvar as coisas é curto. Logo que percebeu a água subindo, a família da estudante Keilanne Feitosa Paiva levantou móveis e eletrodomésticos. Só não deu para salvar o guarda-roupas. *"E no dia 23 [de janeiro] agora encheu mais ainda, foi um pânico geral, pois ninguém estava esperando tanta água"*, diz. *"Eu moro em frente a um córrego e, quando encheu e alagou, a água parou e ficou lá, represada"*, conta.

REVOLTA

O sentimento entre os moradores é principalmente de revolta. Diante do cenário de caos, a prefeitura se limita a dar cestas básicas. *"O governo não faz nada, tanto o federal, quanto o estadual ou o municipal, o povo é que se ajuda"*, conta Maranhão. A prefeitura ainda pressiona os moradores a abandonar as casas em troca de um auxílio-aluguel de meros R$ 300.

Outra opção é uma indenização de R$ 2 mil para desapropriação do imóvel. Além de extremamente baixo para uma casa, só vale para imóveis regulares o que, segundo a prefeitura, é apenas 5% das casas do Jardim Pantanal, uma área de ocupação.

A revolta é ainda maior, pois o governo não é só visto como ausente. A opinião unânime é que o governo é o verdadeiro culpado pelas enchentes, não as chuvas. *"O pessoal está muito frustrado, pois sabe que isso tudo foi provocado"*, diz Keillane.

Rosalvo, porém, apesar de toda a pressão do governo, não pensa em abandonar a casa que construiu em 12 anos. Apenas sorri, coça a cabeça e diz: *"foi aqui que criei meus filhos mais pequenos, foi aqui que os mais velhos cresceram e é aqui que fiz meus amigos, minha vida está aqui"*.

MORADORES PROTESTAM E SÃO REPRIMIDOS

DIEGO CRUZ

No dia 8, cerca de 200 moradores dos bairros alagados da Zona Leste realizaram uma manifestação em frente à prefeitura. Revoltados, denunciavam a responsabilidade do governo nas enchentes e exigiam solução imediata para o problema. Levavam garrafas com a água suja e até uma cobra recolhida na enchente. Além de associações de moradores, estiveram presentes movimentos como o Terra Livre e a Conlutas.

A PM e a Guarda Civil receberam os manifestantes com gás pimenta. Após horas de protesto, a prefeitura concordou em receber uma comissão de moradores. Kassab, porém, não estava lá para ouvir as reclamações. A prefeitura marcou uma outra audiência com a presença do prefeito.

Os moradores exigem a abertura da barragem da Penha, o desassoreamento (limpeza) do rio Tietê e dos córregos, poluídos por grandes empresas e empreiteiras, indenização pelas perdas, além de uma real política habitacional (uma casa por outra casa), no lugar do auxílio-aluguel.

MORADORES CULPAM GOVERNO PELA TRAGÉDIA

GOVERNO SERRA quer expulsar as famílias para construir um parque

Ao contrário do que possa parecer, as enchentes não faziam parte da vida dos moradores da várzea do rio Tietê. A primeira vez que houve uma grande enchente foi em 1997, uma década depois do início do bairro. Logo descobriu-se que fora causado pelo fechamento das comportas da barragem da Penha, ordenado pelo governo para evitar alagamentos na marginal. Na época, o carnaval oficial da cidade ocorria no Anhembi e uma enchente causaria um enorme desgaste ao governo de plantão.

O problema é que, fechando as comportas da barragem, a água inundou a área ocupada pelas milhares de famílias que vivem na várzea. Na época, houve grande mobilização contra o fechamento. *"Ameaçamos até explodir a barragem caso não fosse aberta"*, relembra Ronaldo. Após 18 dias, finalmente as comportas foram abertas e a água baixou quase que instantaneamente.

Após esse episódio, uma nova enchente ocorreu somente em 2006, mas mesmo assim em proporções muito inferiores. Nada comparado à tragédia que se abateu sobre a população agora, em dezembro. Dois fatos apontados pelos moradores indicam que não foram as chuvas as causadoras das enchentes.

DIEGO CRUZ

Dois meses depois do início das enchentes, a água ainda não abandonou o Jardim Pantanal

VERDADEIRO CULPADO

"Antes mesmo da grande chuva do dia 8, quando inundou tudo, muitos moradores vieram comentar comigo que os córregos e o rio estavam quase transbordando, isso desde o dia 3", afirma o líder comunitário Ronaldo Souza. Keillane, autora de uma das fotos dessa página, comenta um episódio no mínimo estranho. *"Choveu e aí depois é que alagou. Quando a água subiu, a chuva já tinha parado"*, lembra.

Ao contrário do que mostra a imprensa e das declarações do governador José Serra (PSDB) e do prefeito Gilberto Kassab (DEM), os moradores sabem que não foram as chuvas que inundaram as casas. Sabem que a inundação foi causada pelo fechamento da barragem da Penha. Porém, isso por si só não explicaria uma tragédia desta proporção.

Para eles, a inundação foi uma ação premeditada do governo Serra e Kassab como forma de expulsar as milhares de famílias da região. Para isso, foram abertas as comportas das barragens do alto Tietê e fechada a da Penha, colocando toda aquela área da Zona Leste debaixo d'água.

Esta seria a última cartada do governo Serra para tirar de lá essas famílias e ter o caminho livre para a construção de um parque linear na várzea do Tietê, projeto que é carro chefe de seu governo e com grande apelo eleitoral. Durante todo o ano de 2009, o governo pressionou as famílias para que deixassem a região. *"Primeiro tentaram tirar a gente daqui com as máquinas (de demolição), agora mandaram a água"*, conta Arlete.

Com a resistência, o governo teria forçado a inundação com o argumento de que a área seria "de risco" e, portanto, imprópria para a moradia. O irônico é que foi o próprio governo que incentivou a ocupação.

AS ORIGENS

A ocupação da várzea do Tietê começou ao mesmo tempo em que o governo estadual aterrava a área e construía a rodovia Ayrton Senna. *"Em 1986 teve uma ocupação no Itaim Paulista e o governo não tinha onde colocar essas pessoas, então colocou na beira do rio, deu uma cesta de material de construção para elas fazerem suas próprias casas"*, relembra Ronaldo.

A ocupação reunia inicialmente 300 famílias, e em um ano eram 3 mil. A área só foi considerada de proteção ambiental em 1998, quando o Jardim Pantanal já era um bairro consolidado. O que no começo era uma solução, um lugar para abrigar as famílias num período em que o aluguel em São Paulo atingia seu maior valor e os despejos se alastravam, virou logo um obstáculo ao governo.

Já os moradores nunca tiveram sossego. Construíram lá suas casas e logo viram seu bairro se transformar num enorme piscinão para conter as águas que inundariam a marginal Tietê. Agora, são vítimas de um crime premeditado pelo governo estadual, em conluio com o municipal, para abrir espaço para o parque de Serra.

AÇÃO E REAÇÃO

Na parte do Jardim Pantanal mais próxima ao rio Tietê, há muita lama, lodo e casas destruídas. As poucas casas que permanecem de pé são marcadas com um "x", sinal de que serão logo demolidas.

A prefeitura mal esconde sua intenção de expulsar as famílias. Pressionam os moradores para que assinem e aceitem o auxílio-aluguel de R$ 300. Muitos moradores que perderam tudo na enchente e não conseguiam voltar para casa acabaram aceitando e, quando voltaram, encontraram apenas destroços. Por isso, o auxílio-aluguel está sendo chamado de esmola. *"Quero ver o prefeito encontrar um lugar pra morar com 300 reais"*, desafiava uma moradora.

No momento de maior crise, quando a água tomava boa parte do bairro e havia inúmeros desabrigados, a prefeitura chegou a impedir que as famílias se abrigassem nas escolas da região. *"Tivemos que arrombar o cadeado e fomos reprimidos pela polícia"*, conta Ronaldo. Tudo para que as famílias aceitassem o auxílio-aluguel e deixassem suas casas.

Os moradores do Jardim Pantanal, porém, após anos de luta, não estão dispostos a largarem suas vidas para trás e resistem. Em vez de escolherem o caminho do desespero, resolveram lutar.

*(Colaborou Vinícius Psoa)

DIEGO CRUZ

As casas marcadas com X serão demolidas pela prefeitura

DIEGO CRUZ

Arlete mostra o Tietê em região arrasada pela enchente

LULA CORTA METADE DO DINHEIRO CONTRA AS ENCHENTES

A virada do ano foi marcada pelas enchentes e deslizamento de terra em todo o país, causando cerca de 80 mortes. Só no estado do Rio de Janeiro morreram 51 pessoas. A responsabilidade pelas tragédias causadas pelas inundações e queda de encostas, porém, não se limita aos governos do DEM e do PSDB.

O governo federal é o grande responsável pelo caos causado pelo tremendo déficit habitacional, que empurra cada vez mais famílias para as áreas de risco. Ocorridas as tragédias, o governo se omite ao socorro às vítimas.

Segundo levantamento da ONG Contas Abertas, o governo Lula reduziu pela metade os recursos para obras de prevenção a enchentes. Segundo a entidade, a previsão de gastos para o programa do Ministério da Integração Nacional, "Prevenção e Preparação de Desastres", em 2009 era inicialmente de R$ 370 milhões. No decorrer do ano, com verbas adicionais, chegou a R$ 647 milhões. No entanto, apenas R$ 138 milhões foram realmente gastos. Para 2010, o mesmo programa conta com apenas R$ 168 milhões, segundo Orçamento aprovado pelo Congresso.

As tragédias mostram as semelhanças entre o PT e o PSDB. Nas eleições, cada um irá acusar o outro de responsável pelas enchentes. Os dois têm razão...

QUEM VAI ATRÁS DO TRIO ELÉTRICO?

ALEGRIA, RACISMO e exploração disputam a avenida

***RAÍZA ROCHA**, Salvador-BA*

O carnaval de Salvador atrai multidões, grandes investimentos e recordes de audiência. A expectativa para este ano é de mais de 2 milhões de foliões, e movimentação de R$ 1 bilhão. Turistas brasileiros e do mundo inteiro chegam à capital baiana para pular e dançar atrás dos trios eletrizantes nas avenidas. As grandes emissoras de televisão e rádio dão visibilidade à festa, e dezenas de empresas investem na folia.

Criado pela população mais pobre, hoje, o carnaval de rua se transformou em um dos segmentos mais rentáveis da indústria de entretenimento do país. A ocupação de 100% da rede hoteleira de Salvador nos hotéis mais próximos dos circuitos (os gigantescos camarotes e arquibancadas que tomam os passeios e ruas dos trajetos). Os preços das centenas de blocos fechados variam entre 150 reais a dois mil reais por dia. Milhões de investimentos de grandes empresas como bancos, marcas de cervejas e companhias de telefonias disputam o espaço da avenida com a alegria e diversão do carnaval de Salvador.

Praia da Barra um dia antes da abertura do carnaval em Salvador

O QUÊ QUE O CARNAVAL TEM?

São diversos os estilos musicais presentes no carnaval. Nas avenidas, durante os seis dias de folia, passam blocos afro, de afoxé, samba, axé, sopro e percussão. Os blocos se revezam nas ruas com os artistas baianos e os camarotes oferecem centenas de atrações, como Djs, bebidas e comidas, entre a passagem de um trio e outro. Aparentemente, tudo parece harmonioso, todos se divertem e tudo é só felicidade e alegria. No entanto, lamentavelmente, essa festa tem sido marcada também pelo racismo e as desigualdades sociais da capital baiana.

A CIDADE EM QUE A "PIPOCA" É NEGRA

Apesar do elevado índice de mais de 80% da população soteropolitana ser negra, é uma minoria branca que pula nos blocos cercados por cordas e que freqüentam os camarotes

> **Em Salvador, cotidianamente, jovens negros são assassinados por grupos de extermínio**

luxuosos espalhados pelas avenidas. Algo que pode ser visto até mesmo pela TV. Diferente do que a mídia e os governos anunciam sobre a diversidade étnica e cultural que marca a festa e a cidade de Salvador, o espaço reservado para os negros e pobres no carnaval é a conhecida "pipoca", foliões que não tem dinheiro para comprar um abadá e fica apinhada e espremida, separada dos blocos por uma corda e muitos seguranças. E aqueles que conseguem os abadás para pular nos blocos parcelam o seu valor em diversas vezes. Para aqueles que podem pagar, os melhores blocos e camarotes; para aqueles que não podem pagar, sobra a "pipoca"e as frequentes agressões dos policiais. Mais de 60% dos soteropolitanos que pulam o carnaval, os anfitriões da festa, ficam na pipoca.

Como se não bastasse a segregação social e racial simbolizada pelas cordas, os cordeiros são superexplorados, recebendo uma diária de apenas 26 reais. Ao todo, 60 mil trabalhadores seguram as cordas que separam os pagantes do folião pipoca, mas apenas 8,7 mil são sindicalizados. Durante todo o circuito, que dura em média de 6 a 10 horas, eles só recebem da empresa apenas duas barras de cereal, 2 pacotes de biscoito e 2 litros de água natural.

BAHIA: A TERRA DA ALEGRIA?

Diferente do mito do "baiano preguiçoso", o carnaval representa um período de trabalho para uma grande parte da população da cidade. Estima-se que só com o trabalho informal, cerca de 200 mil pessoas trabalham vendendo comida, bebida, catando latinhas, guardando carros entre outras coisas. Segundo pesquisa da prefeitura, para cada cinco habitantes da cidade que pulam o carnaval, existe mais um trabalhando.

Com os holofotes voltados para os circuitos do carnaval, a violência contra a juventude negra dos bairros da periferia se intensifica. Em Salvador, cotidianamente, jovens negros são assassinados por grupos de extermínio. Durante o carnaval, com o esquema policial reforçado para garantir a segurança dos turistas e a imagem hospitaleira da Bahia, todo negro é suspeito. É a "faxina" das elites contra o povo pobre e negro da cidade.

PSTU na Avenida

Toda segunda-feira de carnaval, o bloco sem cordas "Mudança do Garcia" sai do bairro Garcia e invade o circuito Campo Grande de Carnaval levando protestos e críticas ácidas aos políticos. Com humor e irreverência, o maior bloco popular de Salvador, que reúne cerca de 20 mil pessoas, entre moradores do bairro, sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais, é composto por carroças, batucadas, carros enfeitados, foliões fantasiados e fanfarras.

Sem deixar de se divertir, mas também lembrando as mazelas de nossa sociedade, o bloco do PSTU esteve no cortejo do ano passado denunciando os efeitos da crise econômica sobre os trabalhadores. Vestidos com a blusa "PSTU nas festas populares", o partido entoava ao som de uma marchinha de carnaval que a conta da crise deve ser paga pelos ricos e não pelos trabalhadores: "Não, não pago não. Essa crise não é nossa, essa crise é do patrão!". Este ano o PSTU estará novamente na avenida se juntando a folia, mas chamando a conscientização e a solidariedade ao povo do Haiti e chamando a retirada das tropas da ONU do país. A gente se vê na avenida!

NO RIO, CARNAVAL E 'CHOQUE DE ORDEM'

DA REDAÇÃO

Neste ano, o carnaval do Rio de Janeiro será marcado pelo "choque de ordem" promovido pelo prefeito Eduardo Paes (PMDB). A medida da prefeitura é totalmente demagógica, e está relacionada a realização dos jogos olímpicos na cidade. Esse tipo de operação já foi empregada em eventos como os jogos Panamericanos. Além de ser hipócrita e antisocial, serve apenas esconder a miséria social e a violência que atinge os trabalhadores.

Por outro lado, a medida também poderá acabar com a espontaneidade do carnaval de rua. Mais do que coibir que alguns foliões de urinem nas ruas da cidade, a iniciativa do prefeito exigiu uma lista de regras a serem cumpridas. Entre elas, determinou que os blocos se inscrevessem na prefeitura até 30 de agosto. Quem descumpriu essa medida burocracia está impedido de desfilar. Alguns blocos não se inscreveram e estão nessa situação. Além disso, os blocos também precisaram informar o percurso e o horário da festa, antes escondido por muitos para não atrair multidões, além de ter o máximo de seis horas para brincar.

A exigência de fazer planos com antecedência para uma festa como o carnaval impede a espontaneidade da festa popular. Muitos blocos simplesmente são criados de forma espontânea, com grupos de amigos (ou mesmo desconhecidos) se encontrando nas esquinas, em meio ao carnaval, e promovendo um "batuque" com samba e marchinhas. Com o "choque de ordem" o carnaval de rua será totalmente diferente da alegria de carnavais passados. Não nos espantemos se a próxima ideia do prefeito for isolar os blocos e cobrar entrada, a exemplo do que acontece em Salvador.

LULA LIBERA USINA DE BELO 'MONSTRO'

LIBERAÇÃO representa gigantesco ataque ao meio ambiente e aos povos amazônicos

WILLIAM PESSOA DA MOTA JR.,
de Belém (PA)

No dia 1º de fevereiro, o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, anunciou a concessão da licença prévia para a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu, próximo ao município de Altamira (PA).

Belo "Monstro", como tem sido chamada pelos movimentos sociais e pelas populações ribeirinhas e indígenas da região, que se opõem ao grande projeto, será a terceira maior usina hidrelétrica do mundo, com uma capacidade de geração de energia de 11 mil MW. Sendo a maior obra do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), a construção da usina custará aos cofres públicos nada menos que R$ 20 bilhões, para benefício de grandes construtoras como Odebrecth e Camargo Corrêa.

O Projeto de Belo Monte foi originalmente pensado na época da ditadura militar, durante o governo Médici (1970-1974), no auge do desenvolvimentismo econômico que impôs às populações amazônicas grandes projetos que só beneficiaram o grande capital e contribuíram para a destruição acelerada da floresta amazônica e a expulsão de milhares de indígenas e ribeirinhos de suas terras. Foi assim com a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí e com o projeto Grande Carajás, só para citar dois exemplos.

O objetivo da construção de Belo "Monstro" é fornecer 80% de sua produção energética para a região sul-sudeste, e os 20% restante que ficarão para a Amazônia serão destinados para os projetos de expansão das mineradoras Vale e Alcoa. E o custo socioambiental do empreendimento será devastador para a natureza e para as populações da região do Xingu.

Segundo o próprio Estudo de Impactos Ambientais da Eletrobrás, a construção do empreendimento inundará uma área de cerca de 500 km² (matando milhares de espécies animais e vegetais) e "remanejará" cerca de 12.000 famílias. Além disso, um importante trecho do rio Xingu terá sua vazão diminuída, matando incontáveis espécies de peixe, que servem de alimento e de base para a economia local.

Estudos do professor do Instituto de Energia e Eletrotécnica da Universidade de São Paulo (USP) Célio Bergman mostram que se as 157 hidrelétricas brasileiras fossem repotencializadas e tivessem seu parque tecnológico renovado, não seria preciso construir hidrelétricas, evitando impactos ambientais.

Não são apenas os objetivos e as consequências de Belo "Monstro" que causam indignação. O método autoritário do governo, sem ouvir sequer as populações locais e o Ministério Público Federal, por meio de falsas audiências públicas e desconsiderando relatórios de técnicos do próprio Ibama que afirmam que não seria possível liberar a licença da usina em função de seus *"impactos socioambientais imprevisíveis"*, demonstram de forma contundente para quem Lula governa. Uma prova do autoritarismo do governo foi a declaração racista do ministro Lobão (Minas e Energia). O ministro disse que "forças demoníacas" tentam atrasar a construção de Belo Monte, numa clara manifestação preconceituosa contra a cultura dos povos indígenas.

Só o que explica mais esse gigantesco ataque ao meio-ambiente e aos povos amazônicos é a ganância de grandes construtoras e multinacionais por aumentar seus lucros. Infelizmente o governo Lula, ao ressuscitar esse projeto da ditadura, se posiciona ao lado dessas sanguessugas, contra os trabalhadores e a vida no Xingu. É importante lembrar que a ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva também foi favorável ao projeto dizendo que *"não há como fugir do aproveitamento energético do rio Xingu"*.

Só a mobilização independente dos trabalhadores, dos povos da floresta e dos movimentos sociais poderá barrar mais esse ataque ao meio-ambiente e aos povos amazônicos.

> **Marina Silva também se manifestou favorável ao projeto dizendo que 'não há como fugir do aproveitamento energético do rio'**

MAPA DA DESTRUIÇÃO

SEM A USINA

Vitória do Xingu (10,5 mil habitantes)
Altamira (102 mil habitantes)
Rod. Transamazônica
Rio Xingu
PARÁ
Terras indígenas (200 habitantes)

COM A USINA

TRANSBORDANDO
A barragem principal irá inundar uma grande área, em destaque. Uma das mais afetadas é a cidade de Altamira, que ocupa mais de 50% da área da usina. Na periferia, a população que vive em palafitas deve ser removida.

LEITO VAZIO
A interrupção diminuirá a vazão do rio. Com menos água, atividades de subsistência, como a pesca, serão afetadas

Barragem principal da usina
Terras indígenas

500 km² da área serão totalmente inundados, ameaçando espécies de animais e a fauna da região

12 mil moradores poderão ser 'remanejados'. A pesca e a agricultura também serão afetadas

FONTE: Relatório de Impacto Ambiental / Último Segundo

SAIBA MAIS — Um projeto da ditadura

1975
Ditadura militar encomenda um estudo sobre o potencial hidrelétrico da Bacia do Rio Xingu. Em 1980 o governo militar planeja a criação de sete barramentos, que atingiriam sete mil índios, além dos grupos isolados da região.

1988
Kaiapós se reúnem para discutir as barragens projetadas para o Rio Xingu.

1989
Realizado o 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu em Altamira (PA) para protestar contra a construção do Complexo Hidrelétrico do Xingu. O encontro acaba ganhando notoriedade nacional e estrangeira. O cantor inglês Sting participa da atividade. Na ocasião, a índia Tuíra levanta-se da platéia e encosta seu facão no rosto de um diretor de uma estatal num gesto de advertência, expressando sua indignação.

Sting no encontro

Facão da índia Tuíra

2000
O governo Fernando Henrique tenta emplacar a construção da Usina de Belo Monte através do projeto Avança Brasil.

2008
Novo encontro reúne milhares de índios em Altamira. A situação é tensa, pois o governo Lula já tinha deixado sua intenção de construir a hidrelétrica de qualquer maneira. Um engenheiro da Eletrobrás foi cercado por índios e foi ferido no braço com um golpe de facão.

2010
Lula consegue obter a liberação ambiental do IBAMA para a construção de Belo Monte. Na opinião de muitos especialistas, a licença significa a implosão do sistema de licenciamento ambiental brasileiro.

OPERÁRIOS APROVAM DESCONTO DO SALÁRIO PARA AJUDAR HAITIANOS

*DA REDAÇÃO**

Um inédito exemplo de solidariedade operária está percorrendo o país. Em uma campanha de solidariedade, milhares de operários estão aprovando em assembleias uma importante ajuda aos trabalhadores haitianos atingidos pelo terremoto.

A campanha em favor da classe trabalhadora haitiana é realizada pela Conlutas e pelos sindicatos filiados. O dinheiro arrecadado será usado para reconstrução das organizações operárias e ajuda direta aos trabalhadores haitianos. O dinheiro será enviado, em caráter de solidariedade de classe, à central sindical e popular do Haiti, Batay Ouvriey (Batalha Operária).

O primeiro depósito enviado à Batay Ouvriye foi de R$ 104.838,65. Uma conta bancária foi aberta exclusivamente para receber doações (veja abaixo).

EXEMPLO

Em São José dos Campos (SP), a campanha de solidariedade é organizada pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos. A campanha recém iniciou e operários de várias fábricas já aprovaram, por unanimidade, a ajuda aos trabalhadores haitianos. Nas assembleias, os operários estão aprovando o desconto de 1% em seus salários para doação ao povo haitiano.

No último dia 9, os trabalhadores da Hitachi e Bundy aprovaram, por unanimidade, o desconto em folha. Na fábrica de autopeças Trelleborg, foi aprovado o desconto em folha de 1% do salário de cada funcionário. O exemplo foi seguido na Mirage, empresa do setor aeronáutico, e na Brascope, do ramo de refrigeração.

GM APROVA AJUDA

A mais importante demonstração de solidariedade operária foi a assembleia da General Motors, que possui hoje 8.500 trabalhadores, realizada no último dia 11. No turno da manhã os operários aprovaram a campanha.

"Toda ajuda é necessária para garantir as condições mínimas de sobrevivência dos trabalhadores e reconstrução das entidades de classe. A solidariedade demonstrada aqui na GM mostra a grande disposição dos trabalhadores brasileiros em ajudar seus irmãos haitianos", afirma o diretor do sindicato Renato Bento Luiz.

FOTO SINDMETALSJC

Operários da Bundy aprovam ajuda

Os operários entendem a proposta como um gesto de solidariedade, e não de piedade, de assistencialismo. Essa é a opinião do diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, José Donizetti de Almeida. *"A classe operária já é solidária por natureza. Se o vizinho perde a casa, a gente vai lá e ajuda"*, disse.

Nas assembleias, os dirigentes sindicais explicam que a ajuda não pode ficar nas mãos de empresários, da ONU, de governos e ONGs, que se parecem cada vez com empresas. *"As empresas e governos estão usando o drama dos haitianos, mas querem na verdade continuar dominando o país. A nossa ajuda é diferente da deles. É uma solidariedade de classe, pra ajudar a superar não essa catástrofe, mas a tragédia que é a exploração que sofre o povo haitiano"*, concluiu Donizetti. A campanha continua forte e percorrerá mais fábricas.

CONTRA A OCUPAÇÃO

A ajuda direta às organizações operárias é determinante para a campanha contra a ocupação militar no Haiti. A catástrofe haitiana foi agravada principalmente pelo estado de miséria que é imposto ao país pela superexploração do povo trabalhador. Por isso, em cada assembleia, os dirigentes do sindicato sempre defendem o fim da ocupação militar do país, e explicam aos trabalhadores que os haitianos devem com suas próprias forças tomarem para si os destinos do seu país. *"A tragédia que ocorreu naquele país não justifica a ocupação e o fim da soberania haitiana. Defendemos a independência do Haiti para que seu próprio povo defina suas prioridades e reconstrução do seu país"*, conclui Renato.

Campanha cresce em todo o país

Sindicatos e entidades aprovaram doações. O Andes-SN, que representa os professores universitários, aprovou em congresso a doação de R$ 50 mil. Comerciários de Nova Iguaçu darão R$ 10 mil. Em Fortaleza, apesar dos baixos salários na Construção Civil, os trabalhadores aprovaram em assembleia a doação de R$ 1 mil.

Outro importante destaque vem dos operários da construção civil de Belém (PA), que lançaram a "Campanha do R$ 1. Transformar solidariedade em ação", que arrecadará em cada canteiro de obra R$ 1 de cada trabalhador.

No Amapá, Maranhão e Rio Grande do Norte são promovidos debates, plenárias e programações diversas nos locais de trabalho, com passeatas, atos e pedágios. Todas as medidas denunciam a ocupação militar no país e chamam a solidariedade.

De norte a sul todo o esforço está sendo feito para que esta campanha de solidariedade classista, de trabalhador para trabalhador, continue mobilizando o maior número de pessoas.

Faça parte! **Veja o número da conta bancária**

Favorecido: Coordenação Haiti
Banco do Brasil Agência: 4223-4 Conta: 8844-7

ANEL FARÁ CAMPANHA EM ESCOLAS E UNIVERSIDADES

Plenária em Salvador aprovou ações de solidariedade na volta às aulas

JORGE BADAUÍ, *da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU*

Com cerca de 200 estudantes presentes, a plenária nacional da Anel (Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre), realizada durante o Fórum Social Mundial Temático da Bahia, aprovou a adesão da entidade à campanha da Conlutas de solidariedade classista aos trabalhadores do Haiti.

Na mesa de abertura, além da presença da própria Conlutas, Andes-SN e da Anel-BA, destacou-se o depoimento do estudante da Unicamp Otávio Calegari, que estava no Haiti durante o terremoto. Otávio, que também constrói a Anel em sua universidade, pôde testemunhar o papel repressivo das tropas brasileiras e desmentiu em sua fala a farsa da "ajuda humanitária" do governo Lula. *"Ouvi do comandante das tropas brasileiras no Haiti que a ação do exército era um laboratório para a ação em favelas e comunidades carentes do Brasil"*, disse o estudante diante de um plenário sensibilizado com tragédia.

A plenária ainda aprovou a publicação de uma carta ao conjunto dos lutadores do movimento estudantil, chamando a mais ampla unidade para lutar em defesa do ensino público e dos direitos da juventude e convocando a incorporação dos estudantes à construção do Congresso de Unificação, no mês de junho.

Durante a atividade, foram recolhidos cerca de R$ 300 entre os presentes que serão remetidos ao movimento operário haitiano. Com a volta às aulas se aproximando, a Anel organizará a coleta de fundos nas entidades e na base das escolas e universidades, através de iniciativas como a venda de camisetas da campanha.

Adesivo da campanha

HAITI: E AGORA, DEPOIS DO TERREMOTO?

***EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

A imprensa vai aos poucos deixando de lado o Haiti. As manchetes dos jornais falam de outros temas. Vai ficar na consciência dos trabalhadores, pela ação da imprensa que "foi feito o possível em ajuda humanitária", e que agora "os governos vão ajudar na reconstrução do país". As pesquisas indicam que a popularidade de Obama cresceu com a intervenção no país. É bem provável que tenha acontecido o mesmo com Lula.

No entanto, a verdade passa longe. A "operação humanitária" foi um fracasso, e serviu na realidade para encobrir uma reocupação militar do país pelos EUA. E a "reconstrução" prepara outros terremotos, agora sociais.

QUANTOS MORRERAM PELO FRACASSO DA OPERAÇÃO "HUMANITÁRIA"?

O terremoto matou 212 mil pessoas (cifras oficiais do governo haitiano) e deixou mais de um milhão desabrigadas. A resposta "humanitária" foi claramente um fracasso. No final de janeiro pouco mais de 130 pessoas foram resgatadas com vida dos escombros. Isso corresponde a 1.600 mortos para cada um dos resgatados.

Não foi somente o terremoto que matou todas essas pessoas. Grande parte dos que sobreviveram foram retiradas dos escombros pelos próprios haitianos com as mãos. Dezenas de milhares poderiam ter sido salvos se houvesse socorro.

A organização *Partners in Health* advertiu que 20 mil haitianos podiam morrer diariamente por infecções como gangrena e sepsis, porque os feridos não recebiam assistência nem medicamentos básicos. Talvez por este motivo, a cifra de mortos foi crescendo dia após dia.

Um artigo de Bill van Auken afirma que o *Wall Street Journal* informava que o Hospital Geral de Porto Príncipe está continuamente assediado por mais de mil pessoas doentes, que aguardam uma operação cirúrgica. Mas *"vigilantes armados impedem elas de passarem"*, e acrescenta: *"A todo momento, milhares de feridos, alguns graves, esperam diante de qualquer hospital ou clínica suplicando por atendimento"*.

A ação do país mais rico do mundo, os EUA, foi típica. O governo Obama liberou em "ajuda" cerca de 100 milhões de dólares, ou seja, 130 mil vezes menos que o dinheiro entregue às grandes empresas na crise.

As tropas dos EUA logo ocuparam o principal ponto estratégico de Porto Príncipe, o aeroporto. A organização Médicos Sem Fronteiras denunciou que os controladores norte-americanos negaram permissão para aterrissar cinco de seus aviões que traziam 85 toneladas de materiais médicos. Para completar a tragédia, os feridos graves não poderão ser mais transportados para os EUA, por "falta de dinheiro" O estado de Florida não está disposto a cobrir os gastos dos tratamentos dos feridos que chegaram a Miami.

Na verdade, a operação humanitária serviu para encobrir a reocupação do país pelas tropas norte-americanas. Foram enviados 16 mil marines, uma das tropas de combate mais bem treinadas do mundo. Em combate militar, não em salvamento.

O objetivo de Obama foi assumir diretamente, sem disfarces, o controle do país. Antes as multinacionais se utilizavam das tropas latino-americanas (com as brasileiras na direção) para garantir o controle do Haiti. Agora, o imperialismo resolveu reassumir diretamente esse controle. Os números são categóricos: enviaram mais do que dobro das tropas da ONU (7.000 até então), para que todos saibam que os patrões chegaram.

O governo brasileiro resmungou, enviou mais 900 soldados, mas aceitou a subordinação.

QUEM VAI DIRIGIR A RECONSTRUÇÃO DO PAÍS?

Está em jogo agora quem dirige a reconstrução do país, e quem tem condições de reprimir qualquer sublevação do povo.

A "reconstrução" do Haiti significa, para o imperialismo, manter um projeto longamente construído, isto é, de ter, praticamente nas costas dos EUA, um país onde o se paga o salário de 60 ou 70 dólares por mês para se produzir roupas da Levis, Gap e de outras empresas.

A miséria haitiana deve seguir rendendo altos lucros para as grandes empresas norte-americanas. A Batay Ouvriyé informa que algumas fábricas têxteis, por exemplo, reabriram e dobraram as metas de produção. Dizem os donos que "está tudo atrasado"! Certos comércios, serviços e empresas locais se aproveitam da situação para não pagar o salário mínimo que corresponde, alegando que "não podem!"

Clinton, o homem-chave do projeto econômico do imperialismo para o Haiti já visitou o país por duas vezes, para garantir a vigência do plano econômico anterior ao terremoto.

UMA NOVA EXPLOSÃO SE PREPARA NO HAITI

Um povo miserável teve sua vida piorada pelo terremoto. A revolta contra a ocupação militar aumentava. Algo que se manifestava na revolta contra a fome, em abril de 2008 e na greve operária têxtil, em agosto de 2009. Agora o terremoto afetou duramente os sobreviventes, desarticulando os movimentos, incorporando a necessidade pura e simples de sobreviver.

Pelos poucos informes, os trabalhadores e o povo haitiano se organizaram da forma como puderam para sobreviver e tentar salvar os feridos. As desconfianças em relação a tudo e a todos continuam presentes. Existem iniciativas do movimento popular autônomas, pequenos enfrentamentos parciais com as tropas e os representantes dos governos. Mas tudo ainda muito golpeado pelas consequências do terremoto e ausência de condições básicas de sobrevivência.

Mas duas modificações de peso na realidade haitiana se passaram. A primeira e óbvia, é uma piora brutal nas condições de vida, já miseráveis, do povo haitiano. A vida pós-terremoto vai provocar uma reação deste povo heróico.

A segunda é a ocupação do país pelos EUA. É verdade que as tropas agora estão muito mais fortes e armadas. No entanto, se afastou a farsa da face "brasileira" da ocupação. Quem está no comando agora são as tropas do imperialismo norte-americano, o que pode acelerar os tempos da experiência política do povo haitiano. Uma nova explosão está se formando.

DEPOIS DO TERREMOTO DO DIA 12 DE JANEIRO

LEIA ABAIXO A DECLARAÇÃO DA BATAY OUVRIYE (Batalha Operária) sobre a situação do Haiti depois do terremoto. Leia a versão integral no Portal do PSTU.

BATAY OUVRIYE

Entre palavras vazias do governo e atos concretos de imposição por parte dos imperialistas, o povo atordoado, o caos, a desolação geral, e, sobretudo a tragédia... ultrapassam o que pode ser descrito.

Do terremoto do dia 12 de janeiro ficarão imagens que torturarão por um longo tempo o espírito, as memórias inacessíveis de mortos tão queridos, de cidades já fantasmas, de risos que desapareceram...

Mas é necessário, apesar de tudo, manter a cabeça fria; é obrigatório encarar os problemas reais para visualizar uma saída.

CONTEXTO EM QUE OCORREU O TERREMOTO

Algum tempo atrás, o governo, junto com a burguesia e seus tecnocratas, falavam de uma "reativação da economia do país".

Hoje em dia, com o aprofundamento da crise, a situação piorou. Uma situação que se agravou com a última temporada de ciclones em 2008: não só a construção de infra-estruturas anunciada pelo governo nunca se realizou, como também eles não conseguiram explicar o desaparecimento de uma enorme quantia de dinheiro arrecadada para atender a tragédia.

Outra característica do momento era a conjuntura política: o país passa por uma crise global de representatividade e de legitimidade do Estado. As eleições ao Senado, de abril de 2009, e a ridícula participação nelas (5% dos eleitores) colocaram a crise em evidência. Outras eleições, de deputados e prefeitos seriam realizadas no final de fevereiro, mas foram canceladas. Porém, já existem muitíssimos conflitos se dando com o Executivo, que trata de obter uma maioria quase completa nas duas Câmaras e, assim, assegurar sua permanência, preparando então as eleições presidenciais do final do ano. Um partido chamado "Unidade", composto pelos mais vis representantes da canalha mafiosa e criminosa, era o escolhido de Préval para confirmar a "continuidade" deste processo de entrega total ao projeto neoliberal, marcado pelo cruel salário mínimo (de menos de 2 dólares ao dia), desemprego catastrófico e dominação/repressão extrema.

Para defendê-lo e assegurar sua implementação, diante da incapacidade crônica das classes dominantes haitianas e de seu Estado reacionário, forças militares da ONU, sob pretexto de terem sido "chamados" pelos dirigentes haitianos, ocupam o país há 6 anos. Seis anos, onde a repressão sempre aumentou e o papel das forças de ocupação foi ficando cada dia mais claro.

O principal e o verdadeiro "chefe" deste processo dominante, o imperialismo (particularmente o norte-americano), certamente tinha algumas contradições com um Estado tão mafioso e criminoso. Mais recentemente, o sustentava ainda claramente, através da presença dos militares internacionais e da submissão tácita do comando brasileiro.

O terremoto de 12 de janeiro, apesar de mascarar de certa maneira estas contradições, na realidade não as elimina em nada.

Diante de tudo isso, estavam as massas populares. Em várias ocasiões mostravam que estavam dispostas a defender seus interesses. Seu repúdio e a forte ausência nas últimas eleições de abril de 2009 ficaram bastante evidentes. Demonstraram assim que estavam fora das diferentes "jogadas" das classes dominantes. E, pouco antes do terremoto, a grande maioria dos trabalhadores e das massas populares se preparava, em silêncio, em boicotar as próximas eleições.

As massas lutavam, ainda que fosse de uma maneira certamente parcial e atomizada, mas decididamente. E isso foi uma das características mais importantes do momento anterior ao terremoto: o retorno da mobilização. Ocorreram grandes mobilização, como a da fome, em abril de 2008; a dos operários da indústria têxtil por aumento do salário mínimo; a mobilizações dos empregados de serviços públicos exigindo o pagamento de seus salários; a luta dos estudantes e as fortes mobilizações contra o processo de privatização dos serviços públicos; e a luta contra a ocupação militar. Diante de todas essas reivindicações legítimas e justas, o poder não teve outra resposta senão a repressão. Seja pela polícia nacional, seja pela Minustah. De repente, começou a se ver de novo a época dos assassinatos, tão comum no período duvalierista. Assassinatos políticos de militantes progressistas que encabeçavam as diferentes lutas mencionadas.

As contradições das massas populares com seus inimigos de classe, apesar do desvio objetivo provocado pelo terremoto, formam uma explosiva situação social no país. A qualquer momento, um levante é possível!

A dependência realizada pelo imperialismo através da "ajuda" transforma abertamente a ocupação em uma tutela que pretendem ser definitiva

PERIGOS QUE TEMOS PELA FRENTE

No marco da situação geral que acabamos de recordar, do projeto de dominação e de exploração sem limites do imperialismo e das classes dominantes, apesar de todos os tipos de "ajuda" que estão sendo oferecidas, a miséria só continuará aumentando. Algumas fábricas têxteis, por exemplo, reabriram suas portas, mas com o mesmo salário de antes. Dobraram-se as jornadas de produção. Os proprietários dizem que é em função do "atraso"! Certos comércios, serviços e empresas locais se aproveitam da situação para não pagar o salário mínimo alegando que "não podem"!

Enquanto isso, o imperialismo invade com mais força sob a inesperada cobertura de "ajuda humanitária". Realmente, nas condições que se encontra o país, precisamos de uma ajuda humanitária. Mas isso significa uma real solidariedade. Vários camaradas de nossa classe mobilizam-se e seguem se mobilizando no marco desta solidariedade.

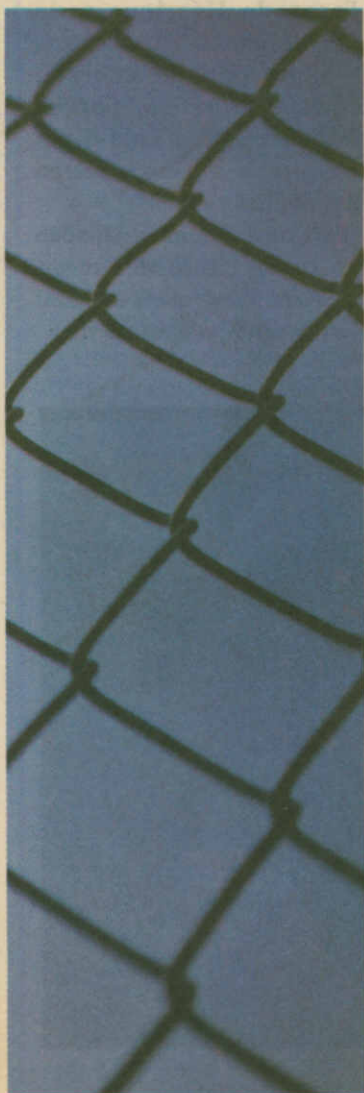
Mas a "ajuda humanitária" que encontramos hoje é utilizada para consolidar a dominação imperialista e aprofundá-la ainda mais. Os norte-americanos, por exemplo, principais protagonistas desta "ajuda humanitária", chegaram com uma força militar descomunal. Mais de 16 mil combatentes! Navios de guerra, com materiais de guerra, chegam de porta-aviões. Controlam qualquer reunião em espaços públicos, sobretudo em bairros populares.

Ao mesmo tempo, está claro que esta "ajuda" corresponde apenas aos objetivos geopolíticos dos imperialistas, no marco de seu plano de controle da região, como expressa as diferen-

tes bases militares dos EUA na America Latina, a reativação da 4° Frota, ou nos acordos assinados entre Obama e o colombiano Álvaro Uribe. O Haiti representa um ponto importante e inesperado (há muito tempo almejado) deste plano. A dependência que estão realizando através da "ajuda" transforma abertamente a ocupação em uma tutela que pretendem ser definitiva (tempo "útil", dizem agora). "É verdade, estamos perdendo 'algo' de nossa soberania", disse nosso premiê fantoche. Mas isso é pura mentira. Hoje em dia, o Haiti perdeu completamente toda sua soberania!

Por isso, devemos de nos perguntar: a "reconstrução" da qual falam será em beneficio de quem? De que classe? Nós estamos certos que essa reconstrução é realizada na contramão dos interesses dos trabalhadores.

O próprio Bill Clinton [ex-presidente dos EUA] acaba de retirar a máscara quando disse [aos capitalistas no Fórum Econômico de Davos] que este "é o momento de fazer dinheiro no Haiti", através do salário de miséria que conhecemos, e o saque das últimas reservas naturais do país.

Acima das decisões dos Haitianos, os imperialistas vão tratar de decidir somente entre eles, ainda que a cada um fale sobre fazer algo "junto com as instituições legais em sítio".

A covardia da ONU prende até crianças. Menino foi preso porque fez parte de saque em Port-au-Prince. 29 de janeiro.

Mas o papel do podre Estado "em sítio", nos leva diretamente ao uso das ONGs. Elas que sempre têm desviado as massas populares de suas mobilizações de luta; que se impuseram em tudo o que se referia à saúde, educação e demais problemas sociais, representam hoje em dia outra forma de tutela.

O QUE FAZER PARA LEVANTAR ESTE DESAFIO?

Desde o começo do período histórico que se abriu com a saída de Jean-Claude Duvalier, em 1986, o desafio já era muito grande para as massas populares. Hoje em dia é ainda maior.

Teremos que encontrar a melhor forma para transmitir nossas mensagens e a articulálas com a concreta realidade vivida de cada lugar, em cada momento. Não devemos de maneira estática esperar pela "ajuda".

Temos que denunciar o verdadeiro "jogo" que está sendo travado, com nossa presença direta nos bairros ainda em pé, nas praças públicas ocupadas, nas fábricas e indústrias que já estão funcionando.

Devemos receber a solidariedade de nossos camaradas, amigos e aliados. Temos que nos organizar para isto. Sobre isso, porém, fazemos uma clara diferenciação entre essa solidariedade e a "ajuda" dos imperialistas. Certamente, essa solidariedade representará muito pouco frente à "ajuda" que se chega, mas será fundamental. Devemos considerá-la com um espírito de luta, ao mesmo tempo em que devemos ter a meta de construir um Campo do Povo, único campo que pode tirar o país do abismo que se encontra.

Para organizar essa ajuda, propomos comitês que devem ser autônomos, deixando, assim, bases para a construção e desenvolvimento de organizações autônomas das massas populares.

Nossos comitês devem ser honestos, sérios, transparentes, coletivos, organizados da melhor forma, firmes, dinâmicos e combativos, pois teremos que lhe fazer frente, sobretudo, à ofensiva das classes dominantes, no marco de seu projeto de dominação-exploração. Para isso, nossos comitês de recepção da "ajuda", devem de se transformar conscientemente em comitês de luta. Sabemos, por exemplo, que já estão planejando mover campos de "refugiados" longe da cidade, sem preocupação de como e onde trabalharemos, sem escolas, universidade ou outros centros sociais de nossa conveniência.

Junto com tudo isso, devemos o mais rápido possível retomar as lutas globais que nos tocavam antes do terremoto. Lutar contra a privatização, contra a dominação e contra a ocupação. Devemos voltar o mais rápido possível, com as principais reivindicações da cada classe de nosso campo, de cada setor das massas populares.

Para começar, precisamos defender que todo mundo esteja trabalhando, como parte de um plano geral voltado aos interesses dos trabalhadores, sob o controle dos próprios trabalhadores.

Para tudo isto, temos que estar conscientes de que o Estado não poderá fazer nada. Esse não é o Estado dos trabalhadores. É um Estado burguês, das classes dominantes e pró-imperialista. Se desejamos concretamente realizar nossos interesses a curto, médio e longo prazo, precisamos de outro Estado, de um Estado dos trabalhadores.

Como já mencionamos, as classes dominantes, junto com o imperialismo, trabalham para consolidar sua própria política. Eles não têm nenhum interesse de que a "reconstrução" se faça fora deste plano, com os interesses dos trabalhadores à frente. Nós temos que propor a reconstrução do nosso país, a partir dos interesses das massas populares, dos interesses dos trabalhadores. Isto nunca se fez no Haiti, mas é a única solução para retirar o país do abismo onde eles o levaram.

A atual "reconstrução" resultará numa dependência fatal, sob uma ocupação efetiva que vai se transformar numa tutela objetiva, que aumentará dia a dia, apesar de todas as palavras mistificadoras dos "governantes", que simplesmente expressam a sua insatisfação por ainda não terem recebido uma quantia satisfatória para seus bolsos.

Com os interesses dos trabalhadores sempre à frente, nós do Campo do Povo, realizaremos a reconstrução devida. A Batay Ouvriye trabalha neste sentido.

Porto Príncipe,
7 de fevereiro de 2009

Uma haitiana depois do terremoto no bairro de Belair Port-au-Prince. 12 de janeiro

A PRÉ-CANDIDATURA DO PSTU E A

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA, *presidente nacional do PSTU*

Caso mantenha-se o atual cenário da luta de classes no Brasil até o segundo semestre, as eleições de outubro serão o principal palco de disputa política com a burguesia neste ano. A burguesia, através de Dilma, Serra, ou de seus satélites como Ciro Gomes e Marina Silva, tentará convencer os trabalhadores de suas propostas para o país, que mantém e aprofundam as mazelas do nosso povo. Além de participar e impulsionar as lutas e o processo de reorganização dos trabalhadores, outra tarefa muito importante da esquerda socialista será a de apresentar nas eleições uma alternativa de classe e socialista.

Uma alternativa de classe implica, em primeiro lugar, fazer o balanço crítico do governo Lula e, ao mesmo tempo, combater as alternativas da direita. Em segundo lugar, apresentar aos trabalhadores e a toda a sociedade um programa socialista para o Brasil, uma saída para a crise econômica contraposta às apresentadas pelos capitalistas. Por último, é preciso fazer da campanha um ponto de apoio para a luta e a organização independente dos trabalhadores. Disputar o voto dos trabalhadores também é parte da disputa política, da briga pela consciência da nossa classe contra a influência da burguesia. E será muito bom se elegermos parlamentares que reforcem nossa luta.

UMA FRENTE CLASSISTA E SOCIALISTA

O PSTU acredita que a melhor forma da esquerda socialista realizar essa tarefa é através de uma candidatura que una PSTU, o PSOL e PCB. Por isso apresentamos, em meados do ano passado, a proposta de uma frente envolvendo esses partidos. Mas para cumprir essa tarefa a frente precisa ser classista e socialista. Precisa ser construída sob o critério da independência de classe, sem nenhuma participação de qualquer setor da burguesia, pois os interesses que a frente deve defender são opostos aos da burguesia. Isso vale também para o financiamento da campanha. Não queremos e nem podemos aceitar dinheiro dos patrões, pois não há independência política sem independência financeira. Para encabeçar a frente, propusemos o nome da senadora Heloisa Helena, pois isso facilitaria o diálogo com amplas parcelas dos trabalhadores.

NEGOCIAÇÕES COM MARINA

No entanto, a direção do PSOL aceitou a decisão da companheira Heloisa Helena, de se candidatar ao senado em Alagoas, sob o argumento de que era preciso assegurar-lhe um mandato parlamentar. Em seguida, abriu negociações com Marina Silva (PV) visando apoiá-la. Apesar de entendermos a importância da resistência de setores do PSOL à decisão, é preciso reconhecer que o acordo só não saiu porque Marina e o PV optaram por fazer um acordo com o PSDB no Rio de Janeiro. Uma simples leitura da nota da direção do PSOL rompendo as negociações confirma isso.

Todo esse processo teve um significado muito importante. A opção pela negociação com Marina indica que o PSOL não

O DEBATE DAS PRÉ-CANDIDATURAS

EDUARDO ALMEIDA, *da Direção Nacional do PSTU*

Depois do fracasso das negociações com Marina Silva, o PSOL definiu lançar uma candidatura própria. Os pré-candidatos são Martiniano Cavalcante (apoiado pelo MES-MTL e Heloísa Helena), Babá (CST) e Plínio de Arruda Sampaio (apoiado pela maioria das correntes de esquerda do PSOL, além da APS, Enlace e o grupo dos parlamentares do Rio).

A candidatura de Babá tem apresentado posições políticas corretas, mas todos dizem que sua corrente não levará sua candidatura até o final pela pouca representatividade. O debate se concentra ao redor das candidaturas de Plínio (o favorito para ser indicado na conferência) e Martiniano.

A CANDIDATURA DE MARTINIANO SILVA

Martiniano é um dos fundadores do PSOL, um quadro político com grande capacidade de iniciativa e boa oratória. É o candidato da ala direita do partido, expressando a aliança entre MES e MTL, que defenderam o apoio do PSOL à candidatura de Marina Silva.

Tal política é defendida no manifesto de apresentação da candidatura de Martiniano: "Foram estas concepções que orientaram a correta procura de dialogo com a Senadora Marina Silva" – diz o documento - "Esta atuação do PSOL demonstrou a todo o país, com fatos e não com discursos professorais, que ela e o seu PV preferiram se aproximar dos Tucanos e dos Demos".

Segundo essas correntes foi correto propor uma aliança com o PV (um partido burguês completamente corrompido), e com Marina Silva (que apoia o plano econômico de FHC e de Lula). Essa aliança só não saiu porque Marina preferiu se aliar com o PSDB e o DEM no Rio.

O MES defende também o financiamento de grandes empresas ao PSOL, como o caso da Gerdau no Rio Grande do Sul.

Na formulação do programa para a campanha, Martiniano afirma que: "a correlação de forças não nos permite apresentar propostas gerais de estatização de setores econômicos, sejam da indústria ou dos serviços como educação e saúde". Ou seja, não se pode defender a estatização nem dos bancos. Não se pode propor uma educação e saúde estatais pela "correlação de forças". Mesmo depois da pior crise econômica desde 1929, que apresenta agora apenas uma recuperação parcial.

"É preciso avançar muito, mas avançar na direção de aperfeiçoar os acertos políticos gerais que marcaram a fisionomia do PSOL desde a sua fundação até aqui.", diz o manifesto de Martiniano. Em outras palavras, é a defesa aberta e coerente dos rumos atuais do PSOL, que repete os passos já seguidos pelo PT.

QUAL O PROGRAMA DEFENDIDO POR PLÍNIO?

Plínio de Arruda Sampaio impõe um respeito natural pelos anos de militância e coerência. Em tempos que a política se tornou para muitos uma forma de "se arrumar" na vida, a coerência militante de Plínio merece respeito.

Vamos nos dedicar a discussão de suas posições por ser o favorito e por setor o candidato da esquerda do PSOL. Como todos sabem, desde o ano passado o PSTU propõe uma frente socialista e classista. Um dos critérios fundamentais para viabilizá-la é a adoção de um programa socialista.

No entanto, Plínio está sendo chamado para um acordo com a APS, importante corrente do PSOL que também esteve envolvida nas negociações com Marina. A declaração de apoio da APS diz explicitamente: "Sendo assim... a CNAPS define o nome do companheiro Plínio como nosso pré-candidato para a Conferência Eleitoral Nacional do PSOL e propõe a necessidade de um acordo na medida em que ele não é pessoal, mas vinculado a um projeto político. Este acordo está relacionado ao programa de governo; à estratégia de campanha; a outras questões importantes do discurso a ser feito no decorrer desta pré-campanha; assim como aos seus desdobramentos políticos e organizativos".

Existe claramente o risco de que, para ser candidato do PSOL, Plínio assuma o programa de suas correntes majoritárias. Isso, na verdade, já começa a ocorrer. O que pode ser notado na sua recente entrevista à revista Carta Capital (nº 581).

QUAL BALANÇO DO GOVERNO LULA?

Ao ser questionado se achava que o governo Lula era melhor que FHC, Plínio responde: "Ah, de longe, muito melhor. É que o talento de Lula é maior que o de Fernando, Lula é um homem talentosíssimo. Ele é de certo modo, pegue a palavra com cuidado, ele é de certo modo um impostor, mas um impostor que acredita na própria impostura. É um demagogo, quando Lula chora, chora mesmo. Não é Jânio Quadros, que chorava lágrimas de crocodilo. Ele não, aquela explosão de choro quando o Brasil foi escolhido para a Copa... Imagine se o Fernando Henrique seria capaz de chorar. Aquilo tem um efeito popular enorme, porque é autêntico, porque é verdadeiro. E o Lula é um homem mais humano, sofreu mais, conhece mais."

Partimos de uma avaliação marxista, de classe, dos governos. Para qual classe social Lula governa? A mesma de

Plínio de Arruda Sampaio

FRENTE CLASSISTA E SOCIALISTA

tem nenhum acordo com os parâmetros que colocamos para a formação de uma frente entre nossos partidos. Não tem acordo com o balanço que precisamos fazer do governo Lula, pois Marina apóia não só a herança de Lula como a do próprio FHC; nem acordo com a defesa de um programa socialista, pois o programa de Marina é o mesmo de Lula com uma roupagem "ambientalista"; também não tem acordo com o critério da independência de classe, a não ser que se considere "Sarneyzinho" um dirigente operário. Uma campanha a serviço das lutas, então...

PRÉ-CANDIDATURA DO PSTU

Por esta razão lançamos nossa pré-candidatura para seguir defendendo a frente de esquerda, socialista e classista. Mas também para sinalizar que o PSTU não aceita uma candidatura nos termos que o PSOL quer construir. Na medida em que a hipótese de apoio do PSOL à Marina parece estar afastada, alguns companheiros nos perguntam: e agora, vai sair a frente de esquerda? Se o PSOL definir Plínio como seu candidato fica mais fácil?

É preciso esclarecer, antes de tudo, que o PSTU não pode fazer uma frente um dirigente do PSOL, ou com alguma de suas correntes. Um acordo entre os partidos deve ser feito entre os partidos. Aí temos o primeiro problema. Mudou a posição política do PSOL sobre uma aliança com Marina? Consideramos que os problemas políticos sobre essa questão continuam, mesmo que o candidato seja outro. Temos acordo na defesa de um programa socialista, contra todas as alternativas patronais, contra Marina inclusive? Temos acordo sobre a independência de classe? Existirão alianças regionais entre PSOL, PV ou PSB, como nas eleições passadas? E o financiamento de campanha? Temos acordo em que é inaceitável a "contribuições" da Gerdau ou de qualquer outro patrão?

Se as posições do PSOL não mudaram não temos acordo em nenhum sobre os requisitos básicos para a constituição da frente. Ainda não vimos nenhuma mudança no posicionamento político do partido até agora. Essa mudança ocorrerá? Cabe ao PSOL responder essas perguntas.

Nosso partido é ainda pequeno, mas tem responsabilidade de política ante a nossa classe e aos setores do movimento de massas onde está inserido. Vamos continuar nos esforçando pela constituição de uma frente classista e socialista, com o PSOL e o PCB, pois seria a melhor opção para os trabalhadores. Não vamos, porém, jogar para debaixo do tapete nossas bandeiras e a defesa do socialismo para, eventualmente, facilitar a eleição de deputados e senadores. Não é disso que nossa classe precisa.

Se não chegarmos a um acordo para a apresentação de uma candidatura única, o PSTU apresentará sim a sua candidatura à presidência da República. E vamos chamar todos os sindicatos, movimentos populares, organizações da juventude, dirigentes e ativistas da esquerda socialista para que se somarem a essa tarefa, pois ela não é só do PSTU, é de todos que não abandonaram a defesa das bandeiras socialistas.

DO PSOL

FHC, ou seja, a grande burguesia. A avaliação de Plínio desconsidera as classes sociais e se enreda em uma avaliação subjetiva e simpática, completamente equivocada.

Em outra entrevista à Rede Vida, Plínio disse sobre o governo Lula que "o que é positivo tem que ser reconhecido e apoiado, mas o que está por baixo tem de vir à luz". Na entrevista à Carta Capital, ele seguiu no raciocínio: "O quadro brasileiro é o seguinte: há quem está melhor do que estava, 20 milhões de pessoas que estão consumindo. A minha empregada está comprando um carro zero. Objetivamente, a inflação está segura, ainda é alta para alguns padrões, mas para nós aqui é uma maravilha. Todo mundo gosta de ver o Lula ao lado do Obama."

Essa postura de "apoiar o que existe de positivo e questionar o negativo" do governo é completamente equivocada. Não vemos, por exemplo, nada de positivo na relação de Lula com Obama. Defendemos uma oposição global e clara sobre o governo, e isso impediria que tivéssemos um discurso comum nas eleições em um tema tão importante como o balanço do governo.

Plínio apresenta um recuo em relação à postura do PSOL em 2006. Naquele ano, tivemos várias polêmicas com Heloísa Helena, que deixou de lado o programa que tínhamos definido em comum na Frente de Esquerda, para defender essencialmente a queda na taxa de juros. Isso nos levou a várias polêmicas públicas com ela. Mas, justiça seja feita, em nenhum momento Heloísa teve essa posição de Plínio perante o governo Lula. Em todos os momentos da campanha, manteve-se na oposição intransigente a Lula e Alckmin.

Como se não bastasse, Plínio faz a seguinte avaliação de Serra: "O Serra é melhor que o Fernando Henrique. Mas é o Fernando Henrique. Ele é mais nacionalista que o Fernando Henrique. Eu conheço bem o Serra, nós estudamos juntos em Cornell, fomos companheiros, trabalhamos juntos. Eu o conheço desde menino. Serra é mais decidido que Fernando, que só pensa nele mesmo. Há horas em que Serra não pensa só nele."

Martiniano cavalcante

PROGRAMA SERÁ OU NÃO SOCIALISTA?

Na entrevista, Plínio também nega que sua campanha será em defesa do socialismo. "Não em campanha programática, ideológica, propagandista, não falaria em socialismo, em produção de mercadoria, mas colocaria soluções mais fortes."

Quais seriam as "soluções fortes"? Plínio responde: "As soluções concretas dos problemas concretos e em um discurso que aponte para a dinâmica dessa solução concreta. Vou dar um exemplo: reforma agrária, o que pode ser feito agora? O que pode ser feito agora é crédito. Em todo caso, o encaminhamento de uma solução que aponte para um desequilíbrio, uma desestabilização, uma dinâmica de transformação. O MST e a CNBB estão propondo o seguinte: as propriedades com mais de 1.000 hectares serão desapropriáveis, não quer dizer desapropriadas, o que permitirá muito maior flexibilidade. Qual é a solução para o programa educacional? Pagar melhor o professor, mais verba etc."

Plínio aponta para um programa com uma reforma agrária limitada (de acordo com a CNBB), e uma melhora na educação. Trata-se de uma reforma limitada no capitalismo, apresentada como uma "solução concreta", alternativa a uma campanha "ideológica" pelo socialismo.

Uma campanha socialista não precisa se limitar a um patamar ideológico. Pode, a partir das reivindicações mais sentidas dos trabalhadores, como o salário e emprego, mostrar a necessidade de estatizar os bancos e as multinacionais que controlam o país. No governo Lula os lucros dessas empresas se quadruplicaram. Só tocando na grande propriedade é que se poderá quadruplicar o salário mínimo atual para chegar ao proposto pelo DIEESE.

QUAIS AS DIFERENÇAS PROGRAMÁTICAS ENTRE PLÍNIO E MARTINIANO?

Todos sabem que Plínio é o candidato da esquerda do PSOL e Martiniano Silva o da direita. Mas isso não fica claro quando se lê os dois manifestos de apresentação das candidaturas. Em termos programáticos, ambos os documentos são muito semelhantes.

Além das denúncias do capital e do governo, param em um programa que se limita à auditoria da dívida externa. Não existe uma perspectiva de ruptura com o imperialismo, nem com o capitalismo. Ao contrário, aponta-se para uma reforma do capital.

Assim como o manifesto de Martiniano, o de Plínio não fala da necessária independência política e financeira da campanha eleitoral em relação aos distintos setores da burguesia. Não se fala do financiamento da Gerdau às candidaturas do PSOL em Porto Alegre, nem das alianças regionais com o PV gaúcho e o PSB no Amapá.

O QUE É ISSO, COMPANHEIRO PLÍNIO?

Um giro à direita de Plínio para garantir o apoio das correntes majoritárias do PSOL à sua candidatura seria um erro político. A resultante seria outro Plínio, um candidato da esquerda com o programa da direita do PSOL. Essa postura inviabilizaria uma frente socialista, além de anunciar mais uma frustração para a base do PSOL, com a continuidade de seu rumo atual.

UM PASSO A FRENTE NA CONSTRUÇÃO DE UMA ALTERNATIVA DE DIREÇÃO

PLENÁRIA EM SALVADOR lança congresso e critérios para eleição dos delegados

ANDRÉ OLIVEIRA FREIRE,
de São Paulo (SP)

No dia 30 de janeiro, em Salvador, durante o Fórum Social Mundial, foi realizada uma Plenária Nacional do processo de reorganização, com cerca de 600 ativistas, representando as entidades envolvidas no processo de reorganização – Conlutas, Intersindical, MTST, MTL, Mas e Pastoral Operária de São Paulo.

A plenária manteve a convocação do Congresso de Unificação da Classe Trabalhadora em Santos (SP), nos dias 5 e 6 de junho. E decidiu lançar um jornal mural de convocação do congresso. Os ativistas saíram de Salvador também com um calendário de construção do congresso e os critérios para eleger os delegados do movimento sindical e movimento popular.

A plenária definiu também um manifesto sobre a conjuntura nacional, apontando um plano de ação para unificar os setores envolvidos na convocação do Congresso nas lutas da classe trabalhadora e do conjunto dos explorados e oprimidos. O plano dá destaque para a intervenção nas campanhas salariais em curso e para a luta contra a criminalização dos movimentos sociais. No calendário, a primeira data fundamental é o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher. Depois, ganha importância a preparação dos atos de 1° de Maio, Dia do Trabalhador.

Outro ponto debatido com muita atenção foi a campanha de solidariedade de raça e classe ao povo haitiano. A Conlutas já vem arrecadando e enviando ajuda financeira para a batalha Operária do Haiti e exigindo a retirada das tropas militares do Haiti (ver páginas centrais).

O congresso de unificação pode se transformar em um pólo muito importante de atração para as entidades e movimentos que estão rompendo com os setores governistas que atuam nos movimentos sociais brasileiros, especialmente em relação às centrais sindicais governistas.

A construção deste congresso, assim como do Congresso da Conlutas, são tarefas fundamentais que devem ser encaradas como prioridade pela militância dos movimentos sociais classistas e combativos brasileiros.

DIEGO CRUZ

Plenária reuniu ativistas da Conlutas, Intersindical, MTL e outras organizações

A mesa da plenária com várias correntes e organizações

PREPARAR A ELEIÇÃO DOS DELEGADOS

A Coordenação Nacional da Reorganização definiu um calendário de preparação do Congresso de Unificação da Classe Trabalhadora. Segundo o calendário (ver quadro), a eleição dos delegados do movimento sindical e do movimento popular serão feitas principalmente no mês de abril, com o limite máximo de 15 de maio. Ocorrerão em todo o país, através de assembléias de base. Nossa proposta é que estas assembléias sejam o mais representativas, com ampla convocação na base, sempre antecedidas de discussão com os trabalhadores, para que o Congresso ganhe em qualidade e representatividade.

WWW.PSTU.ORG.BR
Veja os critérios de eleição de delegados

CALENDÁRIO DE ELEIÇÃO DOS DELEGADOS

15/03
Prazo para inscrição das teses ao congresso

01/04 a 15/05
Assembleias para eleição de delegados

20/05
Prazo para pagamento das taxas e inscrição dos delegados e delegadas

5, 6/06
Congresso de Unificação da Classe Trabalhadora

Centrais governistas marcam conferência

Encontro será para celebrar apoio à Dilma

As seis centrais sindicais que apóiam o governo Lula – CUT, Força Sindical, CTB, UGT, CGTB e NCST – marcaram também para o início de junho, uma conferência nacional, chamada de Conclat, que tem como objetivo definir o apoio a candidatura de Dilma Rousseff (PT) à Presidência da República.

Os governistas querem bloquear as lutas contra os patrões e o governo, especialmente no segundo semestre, onde ocorrem simultaneamente as eleições burguesas e grandes campanhas salariais de categorias importantes. Eles viraram as costas mais uma vez para as lutas dos trabalhadores, para priorizar as eleições dos candidatos da base do governo.

A existência desta conferência no mesmo período do Congresso de Unificação coloca uma polarização muito importante no movimento sindical brasileiro. De um lado está uma conferência governista, que quer disciplinar o movimento a não lutar, atrelando o movimento sindical ainda mais ao governo. Do outro lado, está um congresso classista, independente e de luta, organizado pelos setores de oposição de esquerda ao governo, que não abriram mão da defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo pobre.

Movimentos contra opressões farão encontros nacionais

Quilombo Raça e Classe terá encontro em março

PALIKURAFOTO

o Movimento Mulheres em Luta – farão seus novos encontros nacional

Como parte do processo de reorganização, os movimentos de luta contra as opressões que constroem a Conlutas – o Quilombo Raça e Classe e o Movimento Mulheres em Luta – farão seus novos encontros nacionais também em 2010.

No dia 26 de março acontece o II Encontro Nacional de Negros (as) da Conlutas, organizado pelo Quilombo Raça e Classe. Este encontro será no Rio de Janeiro, antecedendo a reunião da Coordenação Nacional da Conlutas, que acontecerá nos dias 27 e 28 de março na cidade.

E em junho, um dia antes do Congresso Nacional da Conlutas, acontece o II Encontro Nacional das Mulheres da Conlutas, organizado pelo Movimento Mulheres em Luta.

Ambos os encontros nacionais, serão fundamentais para dar um salto político e organizativo na construção destes importantes movimentos e reafirmar a importância da participação dos movimentos de luta contra as opressões na organização das lutas da classe trabalhadora e do conjunto dos explorados e oprimidos.

A IMPORTÂNCIA DO CONGRESSO DA CONLUTAS

ANDRÉ OLIVEIRA FREIRE,
de São Paulo (SP)

Nos dias 3 e 4 de junho, dias que antecedem o Congresso de unificação, também em Santos, acontece o Congresso Nacional da Conlutas. A pauta e os horários exatos de funcionamento do congresso ainda serão definidos pela coordenação da entidade.

Os critérios de eleição dos delegados do movimento sindical e do movimento popular para o Congresso da Conlutas serão iguais aos do Congresso de Unificação. Posteriormente, será definido pela Conlutas o critério de eleição dos delegados do movimento estudantil e dos movimentos de luta contra as opressões.

O objetivo é fazer um grande congresso, com a participação de delegados de todas as entidades e movimentos filiados, além da importante presença de observadores de todos os setores que se aproximaram da Conlutas nos últimos meses, mas que ainda não são filiados.

KIT GAION

Segundo Congresso da Conlutas

Este congresso será de fundamental importância, pois nele será discutido o balanço da construção da Conlutas, principalmente seu papel nos últimos anos na luta de classes no país e no processo de reorganização. Nele será definido, com votos dos delegados de base, se a Conlutas participará do processo de fusão com as organizações que convocam o congresso de unificação.

Serão definidas ainda, as propostas que a Conlutas apresentará ao Congresso de unificação, especialmente a posição em relação às polêmicas sobre seu caráter, funcionamento e a direção da nova organização.

A realização de um grande e representativo Congresso da Conlutas será fundamental para fortalecer as posições acumuladas pela Conlutas no processo de reorganização e fortalecerá ainda mais a entidade que deverá surgir do Congresso de unificação.

No congresso de unificação, voto dos delegados decidirá polêmicas

ANDRÉ OLIVEIRA FREIRE,
de São Paulo (SP)

Nos dias 3 e 4 de junho, dias que antecedem o Congresso de unificação, também em Santos, acontece o Congresso Nacional da Conlutas. A pauta e os horários exatos de funcionamento do congresso ainda serão definidos pela coordenação da entidade.

Os critérios de eleição dos delegados do movimento sindical e do movimento popular para o Congresso da Conlutas serão iguais aos do Congresso de Unificação. Posteriormente, será definido pela Conlutas o critério de eleição dos delegados do movimento estudantil e dos movimentos de luta contra as opressões.

O objetivo é fazer um grande congresso, com a participação de delegados de todas as entidades e movimentos filiados, além da importante presença de observadores de todos os setores que se aproximaram da Conlutas nos últimos meses, mas que ainda não são filiados.

Este congresso será de fundamental importância, pois nele será discutido o balanço da construção da Conlutas, principalmente seu papel nos últimos anos na luta de classes no país e no processo de reorganização. Nele será definido, com votos dos delegados de base, se a Conlutas participará do processo de fusão com as organizações que convocam o congresso de unificação.

Serão definidas ainda, as propostas que a Conlutas apresentará ao Congresso de unificação, especialmente a posição em relação às polêmicas sobre seu caráter, funcionamento e a direção da nova organização.

A realização de um grande e representativo Congresso da Conlutas será fundamental para fortalecer as posições acumuladas pela Conlutas no processo de reorganização e fortalecerá ainda mais a entidade que deverá surgir do Congresso de unificação.

PRÉ-TESE: LEVAR PARA A BASE AS DISCUSSÕES POLÍTICAS

A partir de 18 de fevereiro, logo após o carnaval, a militância do PSTU, com dirigentes, ativistas e outros agrupamentos políticos que constroem a Conlutas, estará discutindo com os ativistas e na base das categorias e movimentos suas propostas políticas e programáticas que serão apresentadas para os Congressos de unificação e da Conlutas, através de uma pré-tese.

Queremos que a nossa tese seja construída de forma coletiva, com todos estes ativistas que estão construindo a Conlutas e o Congresso de Unificação. Nossa proposta é discutir esta pré-tese em todas as entidades e movimentos dos quais participamos, incorporando novas propostas que surjam destas discussões, e definindo a assinatura de apoio a nossa tese na maioria destas organizações do movimento.

Estas discussões devem durar até o limite de 15 de março, quando vamos inscrever a nossa tese ao Congresso de unificação, e que servirá também para armar as discussões no Congresso da Conlutas. Após o fechamento da nossa tese, vamos publicá-la amplamente, para levar as nossas propostas para os congressos para a base das categorias e movimentos, especialmente na preparação das assembléias que elegem os delegados.

SEMINÁRIO PREPARA LUTA CONTRA PRIVATIZAÇÃO

EZEQUIEL FILHO, *de São Paulo (SP)*

O Rio de Janeiro sediou um seminário nacional contra a abertura do capital e a privatização dos Correios, nos dias 30 e 31 de janeiro. O objetivo foi debater e organizar a resistência ao Correios S/A, projeto que privatiza a Empresa de Correios e Telegráfos (ECT). Enquanto fechávamos esta edição, o governo anunciou que o projeto será enviado ao Congresso Nacional após o carnaval.

O seminário foi convocado pelo bloco de 17 sindicatos contrários ao acordo coletivo de dois anos assinado pela federação (Fentect), traindo a greve de 2009. A partir daí, surgiu o bloco de sindicatos. Reunindo diferentes forças políticas, também é uma expressão da reorganização política pela qual passa o movimento sindical.

No Rio, eles aprovaram convocar um congresso extraordinário da federação, de 26 a 28 de junho, para organizar a campanha salarial e destituir a atual diretoria, cuja maioria está totalmente subordinada à direção dos Correios e ao governo Lula.

CAMPANHA

Estiveram presentes 14 sindicatos e quatro oposições. Foram realizadas mesas com todas as forças políticas que compõem o bloco e com o Ilaese (Instituto Latino-Americano de Estudo Sócio-Econômicos). O debate sobre a privatização iniciou a partir da análise da crise econômica e do papel que o capital financeiro reserva aos serviços públicos, cada vez mais precarizados.

Os trabalhadores debateram o relatório do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), que disfarça a privatização de reestruturação; as empresas de sociedade anônima; e as conseqüências aos trabalhadores. Ao final, decidiu-se levar o seminário aos estados e aprofundar o estudo.

Os trabalhadores vão levar a campanha às ruas: milhares de cartilhas, jornais, cartazes e adesivos serão impressos. Duas cartas serão feitas: uma para a população e outra diretamente ao presidente Lula, exigindo que cumpra o compromisso de não privatizar os Correios.

DESGASTADO, FÓRUM SOCIAL MUNDIAL PERDE FORÇA

ALINE COSTA

PORTO ALEGRE POLARIZOU DEBATE SOBRE CRISE

Em debate, PSTU defendeu uma alternativa socialista

O PSTU esteve presente como parte da animada coluna da Conlutas na marcha de abertura, e na tarde do dia 27 de janeiro, no Gasômetro, palco de grandes eventos do fórum no passado. Nosso partido organizou um debate sobre a crise econômica e uma saída socialista, com a presença de Valério Arcary, da direção nacional do PSTU, com a presença de cerca de 200 participantes, atraindo boa parte da vanguarda lutadora presente.

Também foram organizadas outras importantes atividades, como a plenária sobre o processo de reorganização onde participaram cerca de 300 ativistas, com destaque para a presença de uma forte coluna da Conlutas. O Grupo de Trabalho GLBT da Conlutas organizou também uma oficina, e a Anel (Assembleia Nacional dos Estudantes Livre) realizou uma palestra sobre o Haiti no acampamento da juventude.

***ANDRÉ FREIRE**, de São Paulo*

Em janeiro de 2010 aconteceram duas edições do Fórum Social Mundial no Brasil, uma em Porto Alegre, marcando as comemorações dos dez anos do evento, e outra em Salvador. Em ambas as mesmas características: controle do governo e do PT, descaracterização política e esvaziamento. O processo de desgaste do fórum como espaço de luta contra o neoliberalismo já começou antes, mas sem dúvida, em 2010, deu um salto significativo.

Em Porto Alegre se informou oficialmente que foram 22 mil inscritos, espalhados pela capital, e em cidades metropolitanas administradas pelo PT. Isso reduziu significativamente o impacto do fórum na cidade. A marcha de abertura, por exemplo, contou com cerca de 7 mil, contrastando com os cerca de 150 mil que compareciam em outros anos. Em Salvador, o impacto e a presença foram ainda menores, pois a maioria dos eventos ocorreu em hotéis, sem a presença dos movimentos sociais.

Este esvaziamento e a perda de força se devem diretamente a duas razões políticas fundamentais. A primeira, o fórum não conseguiu apresentar uma alternativa anticapitalista e socialista à crise da econômica internacional, limitando sua política ao apoio a medidas sociais compensatórias nos marcos do capitalismo, e defendendo os governos burgueses ditos progressistas. A segunda, é que com o passar dos anos, os governos, especialmente os do PT, assumiram completamente o controle do evento, aliados as ONG´s que são parte de suas bases de apoio, deixando os movimentos sociais cada vez mais sem protagonismo.

Em Salvador, o fórum foi diretamente organizado pelo governo do estado, do PT, que inclusive interferiu diretamente nas atividades que eram organizadas pelos movimentos sociais combativos. Mesmo em Porto Alegre, onde a direção do fórum buscou um discurso mais independente, a maior atividade, apoiada esfuziantemente pela direção do fórum, foi a palestra de Lula no ginásio do Gigantinho, com cerca de 5 mil pessoas, público bem abaixo do que em outras participações de Lula no evento.

PSTU DEFENDE SAÍDA SOCIALISTA E SOLIDARIEDADE AO HAITI

Tanto em Salvador como em Porto Alegre o PSTU teve intervenção importante, apoiando atividades independentes dos movimentos sociais classistas e combativos, como as da Conlutas, ligadas ao processo de reorganização, e da Anel.

O objetivo do partido era fortalecer a defesa de uma saída socialista diante da crise capitalista, polemizando, portanto, diretamente com as políticas reformistas defendidas pela direção do evento.

Outro objetivo fundamental era estender nacionalmente a campanha de solidariedade ao povo haitiano, vítima do terrível terremoto de 12 de janeiro e de uma ocupação militar que dura mais de 5 anos, com o governo e o exército brasileiros cumprindo o papel nefasto de dirigir as tropas de ocupação.

WWW.PSTU.ORG.BR
Veja galerias de fotos e a cobertura completa no especial FSM 2010

DIEGO CRUZ

Detalhe da marcha de encerramento do FSM 2010 em Salvador

DIEGO CRUZ

EM SALVADOR, MARCA FOI A SOLIDARIEDADE AO HAITI

Em Salvador, o governo do PT e do PCdoB preparam um fórum bastante institucionalizado, praticamente restrito aos grandes hotéis da capital baiana. Mas, a intervenção do partido, como parte das ações da Conlutas e da Anel, buscaram sempre construir uma alternativa aos eventos governistas, levando para as ruas da cidade a solidariedade classista ao povo haitiano e o combate as políticas de Lula e Jaques Vagner.

No final da tarde do dia 29, a Conlutas, junto com a Intersindical e outras entidades, organizou uma marcha de solidariedade de raça e classe ao povo haitiano, no centro de Salvador. A marcha, que contou com cerca de 800 ativistas, foi a única atividade de rua durante o evento, que só tinha oficialmente programado a marcha de encerramento no dia 31.

Também foi realizada uma plenária nacional para debater o processo de reorganização, que contou com a presença de cerca de 600 ativistas. O evento lançou o jornal mural que convoca o Congresso de unificação da classe trabalhadora, nos dias 5 e 6 de junho.

O Movimento Mulheres em Luta da Conlutas organizou a maior atividade de luta classista das mulheres no evento. Outro debate importante foi sobre a questão do pré-sal, organizado pelo Sindicato dos Petroleiros de Sergipe e Alagoas, integrante da Frente Nacional Petroleira (FNP). O companheiro Valério Arcary participou de dois debates em Salvador, sendo que o que teve maior público foi a mesa sobre Trotsky e o Brasil, com cerca de 250 participantes. A Conlutas aproveitou o evento para realizar sua reunião de Coordenação Nacional, e a Anel realizou mais uma assembléia nacional.

No dia 31 de janeiro, último dia do fórum de Salvador, o Movimento Quilombo Raça e Classe e a Conlutas organizaram uma mesa sobre o Haiti, que contou com a presença de cerca de 400 participantes, e discutiu os próximos passos da campanha de solidariedade ao povo haitiano. Nesta mesa se destacaram as presenças de Zé Maria, da Secretaria Executiva Nacional da Conlutas, Elias José, membro do Quilombo Raça e Classe, Otávio Calegari, estudante da Unicamp e militante do PSTU, que esteve no Haiti quando terremoto atingiu o país, e Frank Seguy, ativista haitiano. Na tarde do dia 31, a Conlutas e a Anel construíram uma animada coluna que participou da marcha de encerramento do evento.